CONHECIMENTOS UTEIS.

—

NECESSIDADE DE AUXILIAR A EMPREZA DE ILLUMINAÇÃO DE GAZ.

769 O empenho, com que os jornaes de todos os partidos se teem unido para auxiliarem os bons desejos da Companhia de Illuminação de Gaz, é um destes factos, que honra a imprensa, e que não devem passar sem serem saudados como agouros de que um dia só haverá partidos em relação aos interesses materiaes do paiz.

A nossa voz é já inutil entre a de tantos escriptores distinctos; mas não duvidamos tambem ergue-la, para provarmos, que as doutrinas professadas pelos nossos collegas, com referencia á materia de que se trata, são as unicas, que regem o campo neutral, em que se desenvolve o plano da REVISTA.

A Illuminação de Gaz mereceu, logo que começou, a nossa particular attenção. Já visitámos e miudamente examinámos o estabelecimento e utensilios, que lhe dizem respeito, e, recordando antigos estudos, tencionavamos appresentar ao publico o fructo desses nossos trabalhos. Não desistimos do intento, mas julgámos deve-lo preceder da nossa decedida annuencia a tudo quanto os jornaes teem solicitado do Governo e do Municipio em favor da empresa; e o que em nosso entender só é o comprimento de um dever publico.

Nós que sempre temos sido prudentemente reservados, no que diz respeito ao Municipio, se-lo-hiamos ainda hoje, porque não estamos habilitados para o contrario, e julgamos sem base o que por ahi se lhe attribue, ácerca de certa opposição á Empresa do Gaz. Desejamos mesmo, que a Camara se apresse em dar provas plenas, de que não ha exactidão nesses boatos.

Somos sempre francos, e precisamos repeti-lo, para que se entenda bem o alcance de nossas palavras.

Não sympathisamos com a origem da Companhia; na questão que então houve, se escrevessemos estariamos do lado da camara; mas ao presente é absurdo, e crime de lesa civilisação, tudo quanto fôr contrario á prompta illuminação da cidade, por meio do gaz.

Folgamos em saber pela folha official, que as disposições do governo são favoraveis para remover os obstaculos, que por ventura se opponham a este desejado fim.

Contamos que a Camara Municipal o auxiliará no honroso commettimento, bem como todos quantos se interessam pelos verdadeiros progressos da civilisação, tão raros nesta terra por desfortuna e culpa nossa.

—

BREVE ESCLARECIMENTO SOBRE O ENSINO DA TOPOGRAPHIA NO COLLEGIO MILITAR.

770 — «Em vista das disciplinas, até hoje ensinadas no Collegio teria sido conveniente ter feito exercitar os alumnos em trabalhos topographicos, dirigidos por Professores habeis: elles poderiam ter já levantado a planta do terreno á roda de Lisboa, e teriam saido do Collegio com conhecimentos praticos de uma arte muito necessaria para os Officiaes do Estado Maior, e mesmo de fileira; e ter se hiam habilitado neste trabalho tão util para os militares.» —

Isto disse o Exm.º Sr. Visconde de Sá da Bandeira, na sessão da Camara dos Pares de 26 de Julho deste anno, quando se discutia um projecto, em que o governo pedia ser auctorisado, para reformar o Collegio Militar: sendo que pelo atraso da publicação das sessões no Diario, só pelo de 12 deste mez é que tive conhecimento das referidas expressões de S. Ex.ª; as quaes, só por equivoco, ou menos exacta informação poderiam ser proferidas, pelo nobre Visconde; cujo caracter probo muito respeitamos.

Ha dez annos que sou substituto de Desenho no Collegio, e ainda não houve um só, em que os alumnos do 6.º anno, deixassem por mim de ser leccionados em topographia theórica e pratica. Depois das lições dadas na aula, á vista dos respectivos instrumentos, os alumnos tem descido ao campo, e ahi levantado uma carta, que posta depois em limpo, é presente no exame final, e uma condição indispensavel do julgamento. Vê-se pois, que se tem — *feito exercitar os alumnos em trabalhos topographicos*. Dirá talvez S. Ex.ª que o não terão sido por — *Professores habeis*: quanto a isto respondo: que, quem obteve seis premios pecuniarios na Eschóla do Exercito, em diversas disciplinas inclusivamente desenho, parece que deve estar no caso de poder desempenhar com decencia o ensino daquella arte. Todavia, confesso, que as habilitações não bastam; e por isso, convido S. Ex.ª a que se digne vizitar o Collegio, e ahi observar os taes ou quaes trabalhos que se tem feito; vizita, a que eu muito quizéra assistir, para ter a honra de mostrar a S. Ex.ª o pequeno conservatorio de instrumentos topographicos, que o Collegio possue; (e a que tão sómente por falta de meios se não tem dado o conveniente desenvolvimento), assim como, sendo do agrado de S. Ex.ª, fazel-o sciente no Programma das materias que tenho dado, affiançando-lhe desde já, que são extrahidos pela maior parte dos livros de melhor nota; taes como, os da Eschóla de Metz, Saint-Cyr, etc.

Quanto a dizer S. Ex.ª, que os alumnos — *poderiam ter já levantado a planta do terreno á roda de Lisboa* — não me tenho esquecido d'essa circumstancia; e tanto, que tres diversas porções de terreno se tem levantado, nas proximidades do Collegio, e em direcção ao Arco do Cego, Picôas, e Val de Pereiro, não tendo sido possivel fazel o para maiores distancias, por que os alumnos, cujas obrigações se não limitam aos trabalhos topographicos, teem de estar no

Collegio a hora determinada; o que, ou seria impossivel, afastando-se elles muito do Estabelecimento, ou do contrario, pouco fôra o tempo para andar em caminho; sem que os trabalhos progredissem com proveito. Entretanto, essa falta é de muito pouco momento; por que, como se sabe, os alumnos são diversos em cada anno, e por isso, seja qual fôr o terreno que levantem, é sempre novo para elles Além de que, nem todo o terreno em volta de Lisboa se presta igualmente aos trabalhos, por se achar, muitas vezes, cercado de altos muros; e seus donos não consentirem que se entre, como já me tem acontecido, mesmo nossas pequenas porções de terreno, que os discipulos teem levantado. É tambem por isto (julgo eu), que os alumnos da Eschóla do Exercito tem executado seus trabalhos, não em roda da Cidade, mas em sitio quasi constante.

Direi, por ultimo, que devendo o 6.° anno do Collegio, conformar-se com o 1.° da Eschóla do Exercito, eu, apezar disso, tenho dado, além das respectivas materias, parte do que diz respeito ao relêvo do terreno; e que só se dá no 2.° anno da Eschóla, pelo julgar essencial, attendendo, a que nem todos os alumnos do Collegio a vão frequentar, e que neste cazo, não devem ficar ignorando uma parte da sciencia, das mais importantes.

Pódem, por tanto, accusar-me de ter ensinado de mais; e essa accusação aceito eu: agora, o que me não permittia o dever, (creio eu), era ficar silencioso, quando se me negava, o que, (bem, ou mal) ha dez annos tenho feito; e que, mesmo na Eschóla do Exercito, só ha quatro annos se executa, com mais proficiencia talvez, mas que, nem por isso me tira o direito de prioridade.

Lisboa — Setembro de 1848. *J. de C. Cascaes.*

INSTRUCÇÃO ELEMENTAR.

I.

771 Em o numero 45 do 6.° volume da *Revista Universal*, o illustre Redactor dignou-se de entregar á discussão da imprensa, um rapido esboço, que ousei dirigir-lhe, das minhas idéas, ácerca da instrucção popular.

E, ou fosse que ellas, por patrioticas merecessem approvação — ou talvez, notavel coincidencia de pensamento — alguns excellentes jornaes as teem advogado, na sua substancia, mais habilmente e com fervor.

Em qualquer dos casos, é um facto para mim honroso.

Os illustres redactores do *Lusitano*, principalmente assim empregaram tambem as suas vigilias nesse grandioso assumpto, cuja realidade daria incremento aos interesses materiaes do paiz.

Apoz o *Lusitano*, a *Epocha* e a *Revista Popular*, vieram a lume consagrando boa parte das suas columnas á fertilissima idéa da instrucção e educação do povo.

Quem usa as redacções e cultiva as letras, bem sabe quanto fóra das grandes cidades, os leitores teem sido raros em Portugal, e bem distingue tambem a triste origem de tal raridade!

Em quanto os jornaes populares não chegarem a toda a parte; — em quanto o gosto da instrucção não for cuidadosamente infiltrado na maxima parte da juventude; — em quanto tudo isto se não effectuar, Portugal não será o que deve ser.

Nem a ultima lei que allivia a imprensa periodica de portes do correio, alcançará chegar a seu benefico fim. — Os jornaes nem mediano consumo acharão, em quanto se não crear n'alma do povo essa primeira necessidade moral e intellectual. Sem este facto, elle nunca poderá receber, ampla e convenientemente, as boas idéas.

Eu ouso pedir á Revista tambem alguma columna, para ahi pagar, á falta de sciencia, um debilissimo tributo dos meus desejos, dizendo o que já é para toda a pessoa de instrucção, verdade bem sabida.

O estado lamentavel da instrucção nas provincias, doe n'alma, principalmente a quem o tenha visto com os seus proprios olhos: — e faz sentir mui profundamente a urgencia de se lavrar, para já, em Portugal, muito mais amplamente, essa rica mina da gloria e felicidade das nações: — que na verdade, sem este meio, ellas não podem nunca progredir.

Mas não é, em minha muito humilde opinião, só com leves modificações ao que neste objecto existe em Portugal, que se alcançará conseguir o fim desejado.

As eschólas primarias nos concelhos, geralmente estão bem longe de corresponder ao fim da instituição, já pela sua actual organisação, já tambem porque este mesmo beneficio, não póde spproveitar, senão só ás povoações onde ellas são collocadas.

Eis ahi o facto incontestavel.

São pois indispensaveis eschólas de parochia normaes. Mas a urgencia e a grande vantagem de uma educação popular, ampla e philosophica, vai, segundo a opinião mais geral, parar na indigencia do thesoiro.

E aqui estamos nós, por tanto, cruelmente enredados em um difficil problema.

Eu por mim não o sei resolver, senão incompletamente, soccorrendo-me ao clero, em quanto o melhoramento e progresso de toda a industria, e uma boa administração economica, não trouxerem ao thesoiro, um futuro vigoroso e prospero.

Toda a imprensa periodica, e todas as illustrações do paiz, proclamam egualmente a urgencia da educação do clero, conforme a santidade da instituição, a sublime e vasta missão que tem a cumprir, e as idéas civilisadoras da epocha. Honrosas excepções não formam regra geral.

Todavia não nos parecia inconveniente que, a fim de se ir dando a todos os filhos do povo alguma immediata instrucção primaria, se addicionasse, entretanto, ao ministerio do parocho o outro não menos sublime de mestre dos seus parochianos.

O clero (humanamente fallando) lucraria mais ampla e segura influencia, individual em cada freguesia, e collectiva na sociedade: — pelos seus serviços quotidianos, em beneficio commum, tambem conseguiria a indubitavel, e a todos os respeitos convenientissima, reconciliação do povo com o effectivo pagamento das congruas.

Ninguem poderá contestar que uma suave influencia moral e que os interesses justos da classe não sejam tambem condição necessaria, e conveniente a bem da instituição.

Mas para este duplicado fim nenhum outro meio se póde deparar ao clero, tão honesto e piedoso, como o de accender a primeira luz da sciencia e da moral em tantas almas que, aliás ficariam nas trevas de uma completa ignorancia.

E a nação pela sua parte, recebendo um effeito litterario sem accrescimo de despeza ao thesoiro, teria, pelo modo actualmente praticavel, satisfeita a sua mais imperiosa e justa exigencia da época. D'outra sorte, não vejo como, immediatamente sem um augmento, que se crê impossivel, nas cifras do orçamento, ella podesse alargar, tão amplamente como ha mister, a baze radical do ensino primario.

A reforma, pois, harmonisando com a economia, de nenhum modo traria desaire ao clero: — antes, da tormenta politica em que se achou involvido, elle iria assim licitamente arribando a porto seguro.

Só com o trabalho, com a sciencia e com a virtude moral qualquer influencia, individual ou geral, póde ser perpetua e firme. Sem esta base, todos os dominios em a sociedade, como a historia e a moderna experiencia teem evidenciado, morrem a final morte violenta. — A reacção moral, bem como a reacção physica da pendula, é ordinariamente superior á violencia que a produzíra. E o parasitismo só tem durado no mundo, em quanto os desfructados teem tido os olhos vendados, ou de todo se não tem esgotado o calix da amargura.

O exemplo é realmente uma fonte principal do ministerio do parocho. Mas, além disto, a sua missão angelica e immensa, não se circumscreve só nas praticas do culto; abrange tambem a cathequese: e esta não só comprehende os preceitos divinos, como tambem as lettras humanas que, servem de arroteamento á intelligencia do povo; mórmente quando, não o podendo o Estado fazer convenientemente, os parochos podem, sem pesado incommodo, preencher d'este modo o seu dever religioso.

Então, como columna de fogo celeste ou qual mysteriosa estrella, a religião em Portugal me parece que reflectiria na liberdade, sua mais legitima filha, doce e brilhantemente, em o deserto que ella vai atravessando, para entrar a terra de Promissão, mais triumphante.

O Sacerdocio não deve, por certo, descer a interesses facciosos, que possam levantar-se á sombra de qualquer politica.

Ai delle quando assim aconteça!

Mas convém sobretudo á classe acceitar de coração grandiosos factos politicos consumados, para encaminhal-os, pela sublime caridade ensinando os ignorantes, e conforme o espirito da Egreja, aos justos fins da Sociedade.

Que seria maximo erro, senão crime imperdoavel, contrarial-os pertinazmente, ou abandonal-os ao cego destino; mórmente quando esses factos procedem tambem do direito.

A religião póde auxiliar a sã politica, especialmente aonde esta, com as leis positivas ou forças humanas, não possa bem alcançar.

O Redemptor, por aquella significativa phrase «a Cezar o que é de Cezar» parece que reconhecia, como facto, o imperio romano. Os primeiros padres da Egreja, desvelados pela religião, levaram sanctas inspirações até sobre o throno pagão dos imperadores. E mais tarde, abraçando aos barbaros invasores do mesmo imperio, e inspirando-lhes com a religião do Crucificado a doce humanidade, ¿que valiosissimo serviço não prestaram elles á Egreja, á Sociedade, e á propria classe?

É que a virtude não podia já dominar a corrupção do Imperio.

E prouvera a Deus que o Sacerdocio houvera imitado sempre tão saudavel exemplo.

As idéas hoje, que tem produzido e consumado outros bem differentes e mais grandiosos factos, aproximam-se bem á sancta maxima «*amai-vos uns aos outros.*» — E pois que assim na verdade concordam com o espirito da nossa santa religião, ellas devem necessariamente encontrar no clero illustrado o seu melhor apostolo.

Quando, porém, o clero não possa realisar tão fecundo pensamento, o governo deve encaminhal-o a esse benefico fim, organizando-o, educando-o, e aproveitando comtudo a sua actual habilitação na radical instrucção primaria da mocidade.

Para tudo isto basta um querer devéras.

J. M. Gouvêa Pinto.

(Continúa).

CONSERVAÇÃO DA BATATA.

772 Mr. Bruna-Fouque, agricultor francez, escreve o segninte a este respeito: —

Faça-se uma cova na terra, onde se lance cal em pó: apagada esta pelo processo usado pelos pedreiros, deitem-se para dentro as batatas, fazendo com que cada uma d'estas fique toda rodeada de cal. Depois das batatas estarem doze horas dentro da cal, tiram-se, lavam-se, e deixam-se seccar ao sol.

Por este simples processo a batata conserva-se muitos annos sem perder nada do seu gosto, e sem grelarem nem apodrecerem.

TINTA FALSIFICADA.

773 Lemos na *Gazeta medica belga* o seguinte:

« Sabemos que se póde fabricar com o iodo uma tinta branca, que desapparece passados alguns dias, e da qual é impossivel depois fazer reviver o menor vestigio.

Asseguram-nos que algumas pessoas teem sido enganadas por este methodo de preparar a tinta. »

ECONOMIA DE AZEITE NAS LUZES.

774 Faça-se uma solução saturada de sal commum, que se filtra depois, para se verificar que todo o sal foi dissolvido. N'este liquido metta se a torcida; logo que esta esteja bem impregnada do mixto, tira-se, e põe se a seccar. Misture-se depois, em partes eguaes, uma porção de azeite e outra d'este mixto. Mecha-se tudo muito bem por algum tempo: e depois deixa-se repousar: quando o azeite, ao cabo d'esta operação, tiver vindo á superficie do liquido, extrae-se cuidadosamente, e guarda-se para os candieiros. A torcida, preparada como levamos dito, dá uma chamma mui clara, deita pouco fumo, e o azeite dura muito mais que o ordinario.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XLV.

715 Tenho hoje precisão de escrever ácerca desta saudade eterna, que é como a vida da minha vida.

Os annos de Margarida cairam este anno ao Domingo.

Na provincia esse dia era sempre um dia grande, como todos aquelles que as familias registam nas mais intimas memorias do coração.

Aqui, é mais uma dôr que eu sinto, é mais um espinho que se junta á coroa dos meus tormentos.

A saudade é um sentimento bem incomprehensivel. Só o avalia quem o vê na propria alma.

Hoje durante a missa deixei-me embriagar pelo seu doloroso encanto, e levantou a Deus sem eu dar por tal.

Não me póde esquecer o que então senti.

Na cadêa do Porto não se diz missa separadamente em cada prisão como no Limoeiro. A cadêa é construida de modo, que uma só missa é ouvida por todos os presos. Em uma das quatro paredes de um saguão, situado no centro do edificio, fizeram a capella, em que está o altar; e as janellas, que em varias ordens se abrem nas outras paredes, são as tribunas donde os presos vem assistir ao Supremo Sacrificio.

A abobada do templo é o céu.

É profunda a devoção, que inspira o espectaculo de uma missa assim ouvida.

Do altar immaculado ergue-se a luz da Redempção, e só atravez dos ferros, os homens veem cair o sangue do Justo sobre as bazes da nossa lei!

Quantas vezes em alguns desses delirios que se me assenhoream da rasão, julguei vêr, que o Crucifixo, que ficava sobranceiro ao sacerdote, crescia de subito, e que os braços do Homem Deus se despregavam da Cruz para com um abraço reunir a seus pés todos os homens, sem que houvesse, nem uma só nodoa em tantos corações, purificados pelas torrentes de graça, que brotavam do Calvario!

Hoje nem uma só destas idéas me passou pela mente.

Apenas ajoelhei, e o padre subiu ao altar, para logo começaram a apagar-se-me ante a vista, esses centenares de cabeças, que se encostavam ás grades de todas as janellas.

A chuva forte que então começou, foi, como um véu que me encobriu tudo que eu devia ver.

Margarida era nesse momento a minha vida inteira. A sua lembrança era uma nuvem negra que me encobria a alma; a sua imagem era a luz dos meus olhos; o seu nome era a unica phrase que o coração mandava aos labios.

Quando me sinto nesse espasmo, que se não póde descrever, não opponho á sua força, nem a consciencia do existir.

Se um dia assim morresse, responderia certamente a Deus pelo espantoso crime de um suicidio, porque eu sei que a morte está na saudade, e alegro-me avistando o roxo horizonte que a cerca; e sinto um estranho prazer correr-me pelo sangue ao aproximar-me do rio de pranto, que lhe serve de throno.

A saudade é o mais fino, o mais portentoso sentimento da vida.

Quanto a mim esse sentimento só segue a existencia até ás portas do tumulo: vaguêa pelas regiões da vida, porque no ponto onde a eternidade começa, podia transformar-se em uma negação das bemaventuranças, que só existem fóra da terra.

O filho que se separa do pae e que antes de chegar ao seu destino cahe na sepultura, até ahi vae acompanhado pela saudade do seu melhor, do seu primeiro amigo: mas quando o corpo já é cadaver, é a dor da desventura e não a saudade, que arranca dos olhos do pae as lagrimas que de longe orvalham o sepulchro do filho.

A saudade é uma coisa do céu, a dôr é toda inteira da terra; é por isso que o homem anda ridente pelos caminhos da vida, formados pelas pedras dos tumulos, que encerram as suas mais ternas affeições.

Ao lado da dôr ergue-se o espectro do esquecimento; ao lado da saudade geme o padecer, que dura tanto como ella.

Na minha infancia já eu pensava na separação que devia existir, entre a saudade e todos os outros sentimentos, que ouvia qualificar do mesmo modo.

Um dia estava meu padrinho examinando uns autos, em que se tratava da fortuna de um dos mais abastados senhores da terra, chego-me a elle e pergunto-lhe:

— O meu padrinho, conheceu seu pae?

— Conheci.

— E sua mae?

— Tambem.

— Morreram ha muito?

* Vem do n.º 42.

— Morreram.

— Seu pae ha quanto tempo?

— Ha trinta e dois annos.

— E sua mãe?

— Seis annos depois.

Estas breves respostas não interromperam o exame dos autos. Meu padrinho era como eu já deixo escripto n'outra parte o que se chama um santo homem. Conheci que as palavras lhe não saiam dos labios sem que houvessem, como agudo espinho, passado por sobre uma ferida antiga, mas ia muito dessa prova de sentimento á dôr que imaginava como resultado de perda tão grave.

Eu estava defronte delle, finquei os cotovelos na carteira mesmo sobre os autos, e fiquei a pensar com a cabeça apoiada ás mãos.

O Doutor cuidando que lhe faria algumas pergunta a respeito dos documentos, começava a fallar-me neste sentido, eis que parecendo assaltado por um pensamento vago me diz: — Paulo, porque razão me fizeste essas perguntas?

Expuz-lhe candidamente os motivos, e ainda me parece que o estou vendo, encostando-se á poltrona e olhando para essa mansão que serve de pousada ás boas almas que do mundo se partem, dizer-me:

— Não me sejas tão doutor, que dás em louco: o esquecimento é uma lei da vida como muitas outras; a dôr mais forte é como a pedra, que pelo tempo se deixa gastar pela agua. Sou homem e em mim como em todos, se ha-de cumprir a vontade de Deus. Não esqueci a memoria de meus paes, mas o poder que fez da morte uma necessidade da vida, permittiu, que o enfraquecimento da dôr livrasse os que ficam na terra da sepultura dos que choram.

Depois contou-me o que havia padecido nesses trances. Ouvindo a narração de suas maguas louvei o Altissimo por haver poupado ao mundo, o triste e horrivel espectaculo da duração indefinida de tamanhas dores.

A saudade só me liga a Margarida: aos outros affectos, que jazem na sepultura, liga-me uma dôr aguda e acerba, que só enfraquecerá á força de muito tempo.

Se um dia os lindos olhos de Margarida lerem estas linhas, o que a saudade aqui deixar, serão as provas mais subidas do amor que lhe tenho.

No mundo novo para onde a saudade nos arrebata, existem mysterios que se não decifram.

A dôr da ausencia augmenta quanto maior é a distancia, que me separa de Margarida. Lembra-me o amargo prazer que senti, quando meu pae me disse que a tinham trazido para Lisboa. Ficava perto de mim e o meu coração regosijava-se com tão fraco alivio. Agora a desventura nos separa novamente.

Quanto mais longe vae a saudade mandada pelo pensamento, mais triste sôa a corda do coração, que estala ao acompanhar os sentidos suspiros da alma!

Préso, como uma dadiva do céu, estas horas de viva saudade, que me adormecem todas as outras dores.

Admiro o poder do sentimento, que, á similhança do Creador de todos os seres, dá corpo á lembrança de Margarida, e poem-me ante os olhos essa figura encantadora, que se esvae, mal que a realidade começa a dissipar a illusão, que me seduz.

Ai! Margarida, como me parecem momentaneas estas horas, que a saudade rouba ao desesperado infortunio da minha situação!..

Estou separado de ti, não sei o que estarás pensando quando eu assim te adoro; nem sei se te lembrarás de mim, e o sangue parece arder-me no coração, e fazel-o despedaçar em palpitações descompassadas!..

Conheço que o corpo soffre tambem com o padecer da alma, e despenho-me gostoso n'este abysmo, em que só te vejo, e as recordações do nosso amor...

Passeio por toda a prisão como um phantasma: os meus companheiros, ou não dão por mim, ou se riem do que elles chamam accessos de loucura.

É um suplicio cruento o andar cercado de entes, que nos não comprehendem, e que insultam as mais santas inspirações da vida.

Ao cabo de algumas horas, em que eu ando sem me sentir andar, quando a fadiga me alquebra as forças, encosto-me ás grades robustas da janella, para que o ar me refresque as faces incendidas pela febre, que se apodera de mim: e vejo as lagrimas caírem baga a baga sobre a lagea, que serve de parapeito, sem as sentir assomar aos olhos!

Meu Deus! e dizem que ha mulheres, que se esquecem do que padece quem as ama, e até que trocam o recatado culto de um amor eterno pela ostentação louca de qualquer affecto fingido!

Ainda bem, que Margarida não é d'essas, que se arrependem do seu erro quando, em troca do coração apaixonado, que despresaram, só encontram a fria cinza, em que se converte um amor mentido.

Deus afaste de mim estes pensamentos, que me não cabem no coração, ao pé do amor que sinto por Margarida. Só nas cidades é que eu aprendi como o amor de mais santa origem é escarnecido e despresado.

Se, por milagre de Deus, a fortuna nos sorrisse a ponto que a ventura corresse além dos meus desejos, Margarida havia de ser sempre para mim a mesma.

Amei-a sem poder vencer o coração: fui d'ella, porque os seus encantos me captivaram para sempre a alma, porque os seus olhos me disseram «ama» com um olhar angelical; porque os seus labios premiaram, com seus sorrisos, as provas de um amor, que me abria as portas de nova vida.

És um anjo, mulher, que pelo amor me fizeste comprehender a vida, e que me lançaste na alma um sentimento que nunca tinha conhecido!...

O que sinto em mim, depois que te amo, faz-me crer, que não és, que não pódes ser da terra!

Quem se atreverá a tocar nas azas de candida innocencia, em que Deus aninhou a tua existencia?!

Se tenho de morrer separado de ti, por certo que a força da ultima agonia ha-de dar-me animo para ajoelhar aos pés da tua imagem, que a phantasia conserva sempre ante os meus olhos: ver-te-hei no meu ultimo olhar apontares-me para o céu, com essa mão, que não tinha de baixar-se para a terra, unindo-se á mão do que no mundo foi tão sem ventura!...

Creio que te veria assim, porque é d'esse modo que eu te vejo sobre a sepultura de meus paes, como um anjo que véla, respondendo com um suspiro a estes delirios da minha tão grande saudade.

XLVI.

Eis aqui o ponto em que principiam os fragmentos que me confiou o Padre Anselmo.

«..... Eu e o pobre Ermita da Cortiça, não socegámos um instante em toda a noite: nenhum de nós se víra nunca em tão apuradas circumstancias.

Cada vagido da creança parecia-nos que era um signal de morte. Accendemos uma fogueira, e em quanto eu aquecia o corpo, resfriado pela chuva, o meu companheiro lembrou-se que tinha uma cabra, a qual era o seu unico recurso, quando, durante o inverno, lhe faltavam não só os alimentos, mas tambem o dinheiro com que os comprar. Foi vêr se ía buscar algum leite, e eu fiquei com o pobre innocente nos braços.

É immensa a misericordia de Deus!

Um pobre homem esquecido por todos, no alto de uma serra, não tendo outros recursos, além do que lhe dão os viajantes, que a curiosidade conduz ao antigo convento, podia n'aquella occasião salvar da morte um anjo apenas cahido do céu para entrar no mundo!

Começára a fuzilar do lado do poente, e logo apoz o subito estampido de um trovão me annunciou o começo de violenta tempestade. Oiço gritar por Santa Barbara, e o meu companheiro entrando espavorido deixa cahir das mãos o copo em que trazia o leite.

— Que é isso irmão, assim o assusta a trovoada?

— Não posso ser senhor de mim; com tudo me costumei menos com a luz dos relampagos, que parece cegar-me, e com o estrondo espantoso que me esvae os sentidos; mas hoje terei animo porque não estou só.

Outro trovão mais forte, do que o primeiro, interrompêra esta pratica que entre nós se começava a travar.

O homem tinha rasão de sobra: uma tempestade no ermo é a coisa mais horrivel que eu conheço.

Foi a primeira trovoada, que presenciei no Convento da Cortiça, e não me esquecerei nunca do seu effeito.

A tempestade andava mesmo sobre o Convento: o trovão ouvia-se troar no maior auge da sua força, e os echos da serra, repetindo immediatamente o som pavoroso, pareciam o despenhar de immensos penedos pelo dorso dos montes, e prolongavam o ruido por tal arte, que até parecia que a terra se ía abrir.

O vento fazia entrar a agua aos jorros na pousada em que estavamos, e as chammas inclinando-se na direcção do vento, parecia que se íam desvanecer e deixar-nos nas trevas. Eu corria pela caza a ver se encontrava com que resguardar a creança da impressão de tão espantosa bulha: temia que morresse no meio daquella desordem completa dos elementos; o guarda do Convento estava ajoelhado quasi á entrada da porta, rezando em alta voz o

Magnificat anima mea.

Parecia que se acabava o mundo: apezar dis-

so eu só me lembrava da creança que estava conchegando a mim, e a qual ía morrer-me nos braços, quasi ao desamparo, sem agasalho... nem alimento.

Os relampagos crusavam-se vindo de todos os lados, e alumiavam a caza com a sua luz sinistra e brilhante.

Cheguei-me ao pobre homem, que estava ainda ajoelhado, puz-lhe a creança nos braços, e botei-lhe uma manta pelos hombros: depois tomei um ramo de arvore, que ainda ardia com força, e chegando-me a elle julguei dever dizer-lhe:

«Irmão! Deus entregou-nos este anjo. A Providencia quer que dois velhos, já debruçados para a cova, sejam o unico amparo do infante que apenas hoje entrou no caminho da vida. Eia! coragem: tratemos de cumprir este santo dever. Fique aqui... tome bem conta nessa creança em quanto lhe vou buscar a vida.»

Á luz do ramo incendiado que levava comigo, e dos relampagos que por varias vezes esclareciam as fechadas trevas que nos rodeavam, atinei com a çabra; tomei a resolução de a trazer comigo, porque me pareceu que o leite aquecido pela natureza seria mais certa esperança de vida para o misero engeitado.

Quando voltei para o meu companheiro, já elle estava sentado ao pé dos restos do fogo.

Não fechámos os olhos em toda a noite.

Tudo o que se passava era para nós tão novo, que nem sabiamos como teriamos a creança nos braços sem lhe fazer mal. Eu mais de uma vez disse em toda a noite: — «Poderá viver mas certamente que fica aleijada; nenhum de nós tem geito para lhe ministrar os cuidados, que o recemnascido precisa.»

Como a misericordia de Deus não tem limites, a charidade que existia em as nossas almas supriu tudo o mais que nos era mister; mas o que ainda hoje mais agradeço á Divina Providencia, é o haver permittido que o innocente viesse para Lisboa na manhã do seguinte dia, sem correr nem sequer o mais leve perigo.»

(Continúa.)

O DR. CLAUDIO MANOEL DA COSTA. *

776 Uma unica vez teve Claudio Manoel da Costa a veleidade patriotica de cantar um assumpto brasileiro: foi este a Fabula do *Ribeirão do Carmo*, rio que banha a cidade de Mariana: esta metamorphose, é, segundo o costume do auctor, escripto em strophes rimadas. O assumpto é como se segue: — Ha muito, um dos gigantes que fizera a guerra aos Deuses, foi transformado em montanha, no terreno de Minas Geraes. Um filho seu, que

Pela floresta, e prado
Bem polido mancebo
Girava em meu poder tão confiado
Que até do mesmo Phebo
Imaginava o throno perigrino
Ajoelhado aos pés do seu destino:

namora-se de uma nympha, formosissima, como era de esperar, dedicada a Apollo; não podendo rendel-a, resolve ír com ella furtada para longes terras, levando comsigo grande cópia de oiro, roubado a seu pai: espera em logar conveniente, apodera-se da donzella, esta invoca o Numen a quem era consagrada, e Apollo, que foi sempre um Deus muito galante, não podia abandonal-a, e lh'a arrebata em uma nuvem; o amante vendo assim fallido o seu projecto, mata-se com um punhal, e Apollo o transformou em rio, que vae descorrendo por aquellas campinas, e como se isto ainda fosse pouco para seu castigo, suscitou o Deus vingativo para mais atormental-o, os mineiros:

Por mais desgraça minha
Dos thesoiros preciosos
Chegou noticia, que eu roubado tinha,
Aos homens ambiciosos,
E crendo em mim riquezas tão estranhas
Me estão rasgando as miseras entranhas.

A invenção é, como se vê, trivial; tem alguma poesia de estilo, mas colorido local é coisa que debalde se procura n'esta composição.

O poeta brasileiro pagou com seus romances um tributo á eschóla hispanhola em que foi creado. Tirou do uso estas composições insipidas: foi um grande serviço que a Arcadia fez á poesia portugueza. Francisco Rodrigues Lobo foi o primeiro que introduziu entre nós os romances, e os seus são os melhores que temos, posto que a maior parte d'elles seja em castelhano, mas estabelecida entre nós a eschóla de Gongora, como era aquelle um dos mais bellos florões da sua corôa poetica, os seus discipulos, nos inundaram d'elles: foi verdadeiramente uma chuva de pedrisco, que desolou os campos da nossa poesia.

Este poema repugna á indole da nossa lingua, em que os assonantes, que se fazem apenas sentir, não tem a mesma graça, que em hispanhol, pelo modo por que alli se pronunciam os vocabulos, e que torna o assonante uma rima imperfeita. De mim confesso que, depois da Sextina, nenhum poema me parece mais fastidioso, e semsabor que um romance portuguez, ao passo que leio com muito prazer os castelhanos contidos no *Romancero del Cid*, no *Romancero general*, e no *Cancionero de Romances*. Creio que a rasão disto é, que além da lingua ser propria para estas composições, os nossos visinhos fizeram dos romances o deposito das legendas, e mithos populares, das proesas dos heroes, historicos e phantasticos, dos costumes e proesas cavalheirescas, e moiriscas; é que a collecção dos romances sobre a vida do Cid, do Rey Rodrigo, de Bernardo del Carpio, e D. Alvaro de

* Vem do nº 11.

Lemos, são verdadeiras e completas epopeas populares, que nos interessam pelo assumpto, e encantam pelo estilo simples mas energico, rude, ás vezes, mas vigoroso, e pela belleza da versificação; ao passo que nos romances portuguezes, só achamos contemplações, e lamurias amorosas, cheias de hyperboles, afectação, e conceitos, ou bufonerias ridiculas, fundadas em equivocos, abuso de termos, e jogos de palavras, como a cada passo encontramos nos romances de Manoel Tavares Cavalleiro, João Cardoso da Costa, Frei Jeronimo Valsia, e Soror Violante do Céu. Mas da maior parte d'estes defeitos não póde, com rasão, ser accusado Claudio Manoel da Costa, a quem devemos ainda agradecer o haver escripto, ou pelo menos publicado tão poucos romances.

Se não nos enganamos muito, as mais preciosas composições de Claudio Manoel da Costa, aquellas em que se mostra digno discipulo de Metastasio, tanto na harmonia dos versos, como na delicadeza das idéas, e arte musical das estrophes, são as suas cançonetas e as suas cantatas. É pena que não sejam em maior numero, e algumas dellas sejam escriptas em italiano: naturalmente quando vivia em Roma, e frequentava as sessões da Arcadia. Sismondi cita, como uma das melhores, aquella em que se dirige á sua lyra, dando-lhe a despedida.

CANÇONETA.

Que buscas, infausta lyra,
Que buscas no teu canto,
Se ao mal, que cresce tanto,
Alivio me não dás?
A alma, que suspira,
Já foge de escutar-te,
Que tu tambem és parte
Do meu saudoso mal!

Tu foste, eu não o nego,
Tu foste na outra edade
Aquella suavidade
Que amor sabe adorar.
Do meu perdido emprego
Tu foste o engano amado,
Deixou me o meu cuidado;
Tambem te hei-de deixar.

Ah! de minha ancia ardente
Perdeste o caro imperio:
Que já n'outro hemispherio
Me vejo suspirar!
O peito já não sente
Aquelle ardor antigo;
Porque outro norte sigo,
Que fino amor me dá.

Amei-te, (eu o confesso)
E fosse noite, ou dia,
Jámais tua harmonia
Me viste abandonar.
Qualquer penoso excesso,
Que atormentasse esta alma,
A teu obsequio em calma
Eu pude serenar.

Ah! quantas vezes, quantas,
Do somno despertando,
Doce instrumento brando,
Te pude temperar!
Só tu, (disse) me encantas,
Tu só, bello instrumento,
Tu és o meu alento,
Tu o meu fim serás.

Vae-te, que já não quero
Que devas a meu peito
Aquelle doce effeito,
Que me deveste já.
Comtigo já mais fero,
Só trato de quebrar-te,
Tambem has-de ter parte
No estrago do meu mal.

Não saberás d'esta alma
Segredos, que sabias,
N'aquelles doces dias,
Que amor soube alterar.
Só n'aquella ingrata calma
Foi só tormenta escura,
Na minha deventura
Tambem naufragarás.

Nise, que a cada instante
Teus numens ouvia,
Ou fosse noite, ou dia
Jámais não te ouvirá.
Cansado o peito amante
Somente ao desengano,
O culto soberano
Pertende tributar.

De todo emfim deixada
No horror d'este arvoredo,
Arachne tecerá.
Em paz se fique e amada
Por quem teu canto inspiras,
E tu, que a paz me tiras,
Tambem te fica em paz.

Ha que desculpar nesta cançoneta algumas repetições de palavra, e mesmo de phrases, mas não deixa por isso de poder contar-se entre as boas producções do genero. Tenho porém, salvo o respeito a um critico tão atilado como Sismondi, por muito superior tanto emsensibilidade, harmonia e graça de imagens, a palinodia, que elle dirigiu á sua lyra pelos mesmos consoantes da acima citada. Transcreve-la-hei como costumo fazer todas as vezes que se tracta de poetas, cujas obras não andam muito lidas, nem facilmente se encontram nas mãos dos leitores meramente curiosos.

CANÇONETA.

Vem, adorada lyra,
Inspira-me o teu canto,
Só tu a impulso tanto
Todo o prazer me dás.
Já a alma não suspira;
Pois chega a escutar-te;
Do todo, ou já em parte
Vai-se auzentando o mal.

Não cuides que te nego
Tributo de outra edade:
A tua suavidade
Eu sei inda adorar.
Desse perdido emprego
Eu busco o encanto amado,
Amando o meu cuidado,
Jámais te hei-de deixar.

Vê do meu fogo ardente
Qual é o activo imperio;
Que em todo este hemispherio
Se attende respirar.
O coração que sente
Aquelle incendio antigo,
No mesmo mal, que sigo,
Todo o favor me dá.

Se tanto bem confesso,
Ou seja noite, ou dia,
Jámais essa harmonia
Espero abandonar.
Não ha-de a tanto excesso
Não ha-de, não, minha alma,
Desta amorosa calma
Meus olhos serenar.

Ah quantas ancias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando
Eu venho a temperar!
No gosto, em que me encantas,
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco alento,
Que eterno me será.

Comtigo partir quero
As magoas de meu peito,
Quanto diverso effeito,
Do que provaste já.
Não cuides que sou fero
Porque já quiz quebrar-te;
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.

Se tu só da minha alma
O caro amor sabias,
Comtigo só meus dias
Eterno hei de alentar.
Bem que ameace a calma
Fatal tormento escusa,
Na minha desventura
Jámais naufragarás.

Clamar a cada instante
O nome, que me ouvia,
Ou seja noite, ou dia
O bosque me ouvirá.
Bem que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.

Não temas, que deixada
Te occupe este arvoredo;
Onde meu triste enredo
O fado tecerá.
Conhece, oh lyra amada,
O afecto, que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me dás a melhor paz.

J. M. da Costa e Silva.
(Conclue.)

NOTICIAS.

NOVO QUADRO DE UM PINTOR PORTUGUEZ.

777 Todos quantos sabem quaes são as estreitas relações de parentesco e de verdadeira amizade, que nos ligam ao autor do novo quadro, que se vae collocar na Egreja Parochial de Vallongo, comprehenderão os motivos, por que nos limitamos a copiar do *Periodico dos Pobres do Porto*, o que ahi se diz a tal respeito, esperando que o nosso collega nos não leve isto a mal, pela justiça dos motivos, que nos obrigam a transcrever o seu artigo, o qual é como se segue:

«— *Quadro Historico.* O Sr. João Baptista Ribeiro, pintor historico e director da Academia Polytechnica, acaba de enriquecer as Bellas Artes com um novo quadro, que representa a Ascensão, e que é destinado para a Egreja Parochial de Vallongo. Este bellissimo quadro tem 35 palmos de alto e 18 de largo. Appresenta todos os Apostolos, menos Judas. As figuras de S. Pedro, S. Filippe, S. Thiago e S. Matheus são de uma sublime perfeição e de um effeito prodigioso. Os Apostolos S. Filippe, S. Matheus e S. Thiago estão no primeiro plano adorando as pégadas de Christo, cuja cabeça, assim como a de S. Simão, S. João Evangelista e S. Bartholomeu são magestosas. A figura de Nosso Senhor Jesu Christo expressa a mais divina magestade. Tudo é estudado pelo natural. Congratulamos o Sr. Ribeiro por esta obra que patentêa os seus profundos conhecimentos e honra assás a cidade do Porto.»

POBREZA DIGNA DE MELHOR SORTE.

778 Ha pouco celebrou-se em França a sessão annual da Academia franceza, em que se distribuiram os premios chamados de virtude, instituidos pelo caridoso Monthyon.

Assumpto é este de que daremos mais larga conta aos nossos leitores; mas lembrou nos agora, porque entre o sentimento, que inspira a narração das virtudes premiadas, e o que nos causou o conhecimento do facto de que vamos fallar, houve para o nosso coração uma similhança perfeita e completa.

É tambem uma virtude recatada, e que se pratica entre a mizeria por meio da coragem do mais santo dos affectos.

Em quanto a cidade jaz horrorisada por mais de um crime atroz, é bem que se enterneça, sabendo que uma pobre mulher sacrifica a sua existencia á vida de tres filhos nascidos em um só parto!

É este um dos quadros simples, mas magestoso que engrandece o povo, e que lhe confere a unica distincção que Deus reconhece.

No dia 14, na rua da Junqueira n.º 54, Maria das Dores, casada com João Vaz, official de cordoeiro, deu á luz dois filhos e uma filha, os quaes vieram completar o numero de oito filhos, de quem a vida e o futuro está só no trabalho de seu pae.

Não pôde o animo do pae, nem o amor da mãe soffrerem a idéa de engeitarem, os que eram parte do seu sangue.

A pobresa com o rapido augmento da familia transformou-se em mizeria.

O trabalho do pae não chegava para o sustento quanto mais para tantas outras necessidades da vida: a boa mãe quasi cadaver, reparte com os tres filhos a força da vida com que mal poderia sustentar um.

Presenciando tão enternecida scena, dir-se-ha que tres anjos, conduzem para a gloria eterna a mulher martyr desse affecto sanctificado pelas lagrimas da Virgem-Mãe aos pés da Cruz, em que expirou seu Filho.

Mas será possivel que essa alma suba ao céu sem que a caridade de alguns corações lhe não permitta, que por alguns annos goze a companhia do que présa mais que a existencia?

Se tanto fôra possivel, em quanto essa alma voasse para o throno de Deus, muitas seriam despidas do oiro em que andam envoltas, para descerem á mansão do eterno castigo.

É impossivel queás portas de uma cidade que emprega avultadas sommas nos desperdicios e no luxo, se consuma um sacrificio, que seria tão glorioso para a victima, quanto seria tremenda a responsabilidade dos que a deixassem subir ao calvario, abraçada com os filhos, com quem partilharia a vida até ao ultimo alento!

Do povo, donde saíu a virtude, já saiu tambem o exemplo do dever, que os ricos em casos taes devem cumprir.

Uma pobre mulher condoida do triste estado da carinhosa mãe, tem ido ha poucos dias repartir com os innocentes o pouco leite, que lhe póde ministrar.

Sirva o exemplo e appareça um só grão de tanta caridade, que o Evangelho semeou pelo mundo, para que hajam almas grandes, que adoptando os filhos dos pobres lhes mostrem a luz do céu a brilhar sobre os andrajos da sua miseria.

Esses desgraçados soffrem com a resignação a sua sorte, confiando na Providencia Divina; mas nós julgamos um dever, estendermos supplicantes a nossa mão, para que a esmola transformada em generoso acto leve a vida e a felicidade a esse aposento da pobreza tão honrada.

Aos nossos collegas da imprensa, rogamos que propaguem este facto, porque o hão-de fazel-o melhor do que nós, que além da boa vontade, não temos mais recursos para debuchar quadro de tão alta virtude.

THEATROS ESTRANGEIROS.

779 Em quanto o Theatro de S. Carlos se não abre para realisar as fagueiras esperanças dos iniciados nos mysterios do palco; e em quanto o *Alcaide de Faro* se une ao *Trapeiro de Paris*, afim de que tão monstruosa coallisão promova a concorrencia publica ao Theatro Nacional, não ha remedio senão fallar nas novidades Theatraes dos reinos estrangeiros. A Revista neste ponto vê-se obtigada a sacrificar ás circumstancias a nacionalidade, que em tudo a dirige.

A academia de canto de Praga em um dos seus concertos depois de executar o *Moysés*, de um dos mais celebres criticos e compositor de Berlim, cantou um coro composto por Scranb, o qual appresenta a mui apreciavel novidade de lhe servirem de themas, algumas das mais conhecidas canções populares da Bohemia.

Em um concerto dado por Berlioz em Praga, distinguiu-se muito a celebre Mademoiselle Claudius, uma das primeiras tocadoras de harpa da Europa.

Fallava-se muito nos casamentos de quatro dançarinas celebres, Mario, Paulina Leroux, Torster e Dumilatre.

Está completamente acabada a sala do Theatro Imperial de Constantinopla: é coisa maravilhosa, os cantores escripturados só esperam, que a cholera se enfraqueça para que o Theatro seja estreado.

O *Conde de Monte Christo*, famoso drama de Dumas, representado pela primeira vez no theatro *Historico* em Paris, onde foi tão bem recebido, vae-se pôr em scena no Theatro do *Museo* em Madrid.

A empreza do theatro do Circo ensaia o *Roberto do Diabo*, de Meyerbeer.

O Sr. Mollberg, em um concerto que ultimamente deu em Madrid, executou algumas composições brilhantes, em um instrumento chamado o *Xilo-cordeon*.

COMMERCIO.

780 — Recebemos noticias commerciaes de Hispanha, de muito interesse, mas a falta de espaço nos obriga a reservalas para o numero seguinte, bem como o que de França nos communicam pelo ultimo paquete. Folgâmos em que assim se comece a comprehender o empenho, que temos em ampliar o proveito que se póde tirar d'esta parte do nosso jornal, e desejamos que as noticias commerciaes do paiz affluam, como as de fóra ao nosso Escriptorio, porque todas se agradecem, e são bem vindas. Chamâmos sobre este ponto as attenções de todos os negociantes, que nos possam prestar os esclarecimentos de que se carece, para progressivamente irmos aperfeiçoando este nosso trabalho.

— Cereaes.

Em 28 de setembro ficaram existindo na alfandega do terreiro 7,322 moios de trigo, 2,364 de cevada, 595 de milho, e 161 de centeio: os preços por alqueire foram — trigo, 380 a 540 réis — cevada, 220 a 250 — milho, 300 a 360 — centeio, 250 a 300.

Em 4 de outubro.

Trigo do reino rijo	de	340	a	400	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	440	»	»
» da ilha	de	330	a	380	»	»
Milho do reino	de	300	a	320	»	»
» da ilha	de	210	a	220	»	»
Cevada do reino	de	180	a	190	»	»
» da ilha	de	180			»	»

O mercado tem estado falto de compradores e as entradas de trigos das ilhas teem continuado.

O milho tem concorrido pouco ao mercado, algum se tem vendido, nas localidades, para exportar.

— Montemór-o-Velho 27 de setembro.

Trigo tremez, por alqueire, 380 — dito branco, 320 — milho, 260 — cevada, 170 — centeio, 260 — feijão, 370 — azeite, 1$040.

— Preços do trigo em 26 de setembro.

Irlanda — lib. 9 5 a lib. 9 7 — por tonelada.

Liverpool — por 480 arrateis portuguezes, 35 a 37 shelings.

— Praça de Lisboa, 4 de outubro.

Fundos publicos de 5 por cento, 48 e meio: os preços melhoraram com a alta dos fundos da divida externa na Praça de Londres, a qual é provavel que se sustente, por causa da remessa de algum vulto, que a Junta do Credito Publico fez pela ultima mala, para a Agencia Financial. Fundos de 4 por cento, 40 a 41. Das inscripções de 5 por cento, com o coupon cortado já se realisaram vendas a 46 por cento. Acções do Banco de Portugal, realisaram-se transacções no mercado por 437$000 réis, com o dividendo pago. Acções sobre o fundo especial de amortisação, com a prestação paga 45, poucas transacções. Acções da Companhia das Pescarias 25 a 27. Estes preços são em Notas do Banco de Lisboa. Para os titulos das tres operações, azues, e papel-moeda, regulam as cotações do numero antecedente.

— Agio das Notas de 27 de setembro a 4 de outubro.

Por moeda.

	Compra.	Venda.
28.	1$900. . . .	1$880
29.	1$920. . . .	»
30 de setembro a 4 de outubro . .	»	»

— Cambios sobre Londres, effectuados na Praça de Lisboa, em 30 de setembro.

a 30 d. v	$52\frac{1}{2}$
60 d. v	$52\frac{5}{8}$
90 d. v	$52\frac{3}{4}$

— No leilão de papeis de credito do Estado e Acções do Banco de Portugal e de Companhias nacionaes, feito no edificio do mesmo Banco, em 28 do passado, (segundo é pratica todas as quintas feiras, desde o meio dia até ás duas horas) venderam se:

Acções do Banco de Portugal, com os dividendos recebidos a 445$000 réis, em Notas do Banco de Lisboa.

As inscripções de 5 por cento obtiveram o lance de 48 por cento.

As Cautelas da Companhia das Obras Publicas tiveram 2 e tres oitavos por cento.

— Escrevem do Porto em 30 de setembro.

O preço dos cereaes na feira regulou: — trigo, 600 a 700 — milho, 300 a 320 — centeio, 320 a 340 — cevada, 240 a 250. Ha falta de milho, e por isso me consta que, para exportação, negociantes d'esta praça mandaram fazer compras a Hispanha, porque ahi o preço do genero favorece mais a especulação. Chegaram a esta cidade noticias da America: nos Estados-Unidos, vinhos de superior qualidade, foram vendidos, em pequenas porções, a 53 libras por pipa, e o vulgar a 35: são estes os que tem mais extracção. As marcas mais procuradas são dos negociantes Osborn, Roop, Sandeman e Harris. Estas noticias fizeram vogar a idéa de que a Praça devia tentar em grande escala a exportação para esse mercado: parece-me que, n'este ponto, deve haver prudencia, para se não colherem resultados contrarios aos que se desejam. É mister considerar, que o producto que vae buscar a vantagem da alta do preço a um mercado, é a causa da baixa, quando a sua remessa se não faz com relação ao conhecimento exacto da procura que ahi ha do genero.

O Sr. James Forrester publicou em os *Pobres do Porto*, como costuma, o que pensa, ácerca da primeira novidade: verei se no correio seguinte posso mandar algumas noticias a tal respeito.

— Extracto da carta do Sr. Forrester: —

« Nas terras fortes e nos meios, a uva nova está muito bem creada, o que não acontece tanto nas terras delgadas. As chuvas que n'estes dias caíram tem-lhe servido de muito proveito; e se tivermos alguns dias de sol e uma colheita enxuta, ainda se hão de fazer muitos vinhos de boa qualidade.

Em algumas exposições a quantidade de vinho será egual á do anno passado, e em outras haverá um terço de menos.

Como alguns proprietarios respeitaveis tem dado ordens aos seus agentes para darem já principio ás vindimas, e outros para o dia 2 do proximo mez, é de suppôr que em geral se siga o mesmo exemplo.

A minha opinião, baseada na muita experiencia, é que as vindimas (com excepção do bastardo) não deveriam ter logar senão depois do dia 15 de outubro em Cima-Corgo, e de 20 por diante no Baixo-Corgo; opinião que submetto á consideração de melhores entendedores.

Alguns lavradores estão indecisos na factura dos seus vinhos, não sabendo quaes prevalecerão, se os *puros*, se os *artificiaes*.

Como muitos dos vinhos de 1846, feitos *antes da chuva*, se estragaram — bilhetes velhos terão pouca estimação.

Agoa ardente de 10 graus, boa e sem defeito, está de 46$000 a 48$000 réis por pipa, e depois da vindima cairá de certo até nove moedas, ou ainda menos. »

— Noticias commerciaes de Ingleterra.

De uma carta de commercio de 26 do passado extraímos o seguinte.

A entrada de trigos no mercado tem sido mediana. Tem havido algumas compras, porém pequenas. Os trigos estrangeiros é que teem tido mais alguma venda, e conservam-se nos ultimos preços: alguns tem-se vendido por mais 1 schelling em *quarter*. O nacional regula, o vermelho, de 52 a 56 schellings, e o branco de 53 a 65. A barrica de farinha da America anda de 26 schellings a 31. A cevada regula por 33 schellings.

As vendas de café tem sido poucas, bem como as do chá: e o assucar tem diminuido de preço, em consequencia do muito que tem affluido ao mercado. O arroz tambem tem estado em apathia. O azeite conserva firme os seus preços.

A batata boa vende-se por 6 libras a 6 libras e 6 schellings a tonnellada.

O preço da lã tem subido alguma coisa, em consequencia da sua procura.

O mercado dos algodões em Liverpool tem estado bastante animado.

O preço do pão em Londres a 23 do passado era de 8 dinheiros a 8 $\frac{1}{2}$ por 4 libras.

Em Birmingham, o mercado da cutelaria tem estado bastante animado, em consequencia das grandes encommendas, que se receberam da America pelo vapor Britannia.

Producções de Angola. — Urzella os preços são nominaes.

Arroz de 1.ª qualidade de Bengala e Bombaim tem havido algumas vendas.

Productos do Algarve. — Amendoas descascadas, e figos poucas vendas, os finos foram mais procurados.

Azeite do Portugal, libras 45. — Não houveram transações nas lãs hispanholas e portuguezas.

— Na Praça de Londres, em 26 de setembro, foram cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco				
Consolidados	3 p. %	$86\frac{1}{8}$	$\frac{1}{4}$	Por 100.
Redusidos	3 »	Fechados.		»
Fundos	$3\frac{1}{4}$ »	Dito.		»
Exchequer bills		30	3 março	Premio.
		20	30 junho.	

ESTRANGEIROS.

Belgas	$4\frac{1}{2}$ p. %	71	73	Por 100.
Brasileiros	5 »	75	76	»
Dinamarquezes ...	3 »	70	72	»
Hispanhoes	5 »	$11\frac{1}{2}$	12	»
D.os	3 »	$22\frac{3}{4}$	$23\frac{1}{4}$	»
Hollandezes	4 »	71	$71\frac{1}{2}$	»
D.os	$2\frac{1}{2}$ »	45	$45\frac{1}{2}$	»
Mexicanos	5 »	$17\frac{1}{4}$	$\frac{3}{4}$	»
Portuguezes	4 »	$23\frac{1}{2}$	$24\frac{1}{2}$	»
D.os consolid., 1841	—	$22\frac{1}{2}$	$23\frac{1}{2}$	»
D.os divida interna.	—			—
Russos	5 »	$99\frac{1}{2}$	$100\frac{1}{2}$	»

É Para notar como a pequena sahida dos consolidados inglezes melhoron as cotações dos fundos de todas as nações, desde os belgas até aos nossos, comparados com os que publicámos em o numero anterior.

— Na mesma Praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		$51\frac{3}{4}$		Por 1$000 rs.
Porto		$51\frac{3}{4}$		»
Rio de Janeiro		$22\frac{1}{2}$		»
Bahia		—	—	—
Amsterdam	12	1	$\frac{1}{2}$	£
Hamburgo	13	$10\frac{1}{2}$	11	»
Paris	25	$37\frac{1}{2}$	$32\frac{1}{2}$	»
Genova	26	26	10	»
Trieste	11	11	15	£
Vienna	10	50	11	»
Madrid		$47\frac{1}{2}$	$47\frac{3}{4}$	Pezo.
Cadiz		$48\frac{3}{4}$		»
Calcutta		21		R.ª
Bombaim		$21\frac{1}{2}$		»
Madras		21		R.ª

— Generos em Londres em 16 de setembro.

				Por	
Algodão de Pernambuco . . .	$4\frac{3}{4}$	$5\frac{7}{8}$		£	Froixo.
» do Maranhão, regular .	$4\frac{1}{2}$	$5\frac{1}{4}$		»	
» » da maquina.	$3\frac{5}{8}$	$4\frac{3}{8}$		»	
» da Bahia	$4\frac{3}{4}$	$5\frac{1}{4}$		»	
Assucar branco, direitos pagos .	38	43	112	£	Dito.
» mascavado, dito dito .	33	38		»	
Arroz do Brasil	9	14		»	Dito.
» da India	9	14		»	
» de Java	9	14		»	
Café do Brasil	24	29		»	Dito.
» » lavado. . . .	30	48		»	
Cacáo »	30	31		»	
Couros, seccos do Rio Grande .	3	6		£	Dito.
» salgados »	2	$3\frac{1}{4}$		»	

— Praça de Paris. — As nossas noticias são de 24 de setembro.

Os 3 por cento ficavam a 44 fr. 25 c.

Os 5 por cento a 68 fr. 50 c.

Os fundos inglezes 86 e um quarto.

Acções do Banco de França 1,620 fr.

— Praça de Madrid 28 de setembro.

3 por cento — 19 $\frac{1}{4}$

5 por cento — 10 $\frac{1}{2}$

Acções do Banco de S. Fernando 50 por cento.

EXPEDIENTE.

— Tivemos a satisfação de receber o honroso officio, que nos dirigiu o Sr. Secretario da mui benemerita Associação das Sciencias Medicas de Lisboa.

O nosso Jornal será sempre constante defensor de tudo quanto interesse a saude publica. Procedendo assim, só cumprimos um dos muitos deveres da nossa posição. A sociedade póde contar com as columnas da Revista, para quanto julgar de tal urgencia, que o não possa reservar para o seu accreditado Jornal, que se publica aos mezes. Finda a discussão da memoria do Sr. Beirão, publicaremos os pontos em que assentarem.

— Entre os nomes que honram a nossa moderna litteratura, e dos quaes grande numero se tem dignado honrar as paginas da Revista, durante a nossa redacção, alguns faltam para que os nossos desejos neste ponto de todo se cumpram. Um delles era o do Sr. A. Augusto Teixeira de Vasconcellos, que já nos pertence, porque os leitores da Revista, recebem nestas linhas a boa nova, que o verão estampado no fim de duas lindas poesias que servem de felizes estrêas desta nova collaboração.

— Agradecemos, e serão publicados:

O artigo do Sr. Abbade Castro, ácerca de Antonio Refael Meng.

O artigo de um novo collaborador, contendo com o titulo de *Variedades* uma miscellanea curiosa.

Publicações recebidas — *Iris*, Jornal do Rio de Janeiro, redigido pelo Sr. José Feliciano de Castilho.

Philosophia popular de Cousin, traducção do Sr. Mariano José Cabral. — Vende-se na rua Augusta n.º 8.

Revista Popular. n.º 31. — Vende-se e assigna-se na mesma loja,